

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CAMPUS DO SERTÃO  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**RAKEL CARVALHO DA SILVA**

**“ELE NÃO É O ÚNICO! HÁ OUTROS!”  
A sensualidade e a infidelidade no conto “A dama do loteamento”**

**Delmiro Gouveia  
2019**

**RAKEL CARVALHO DA SILVA**

**“ELE NÃO É O ÚNICO! HÁ OUTROS!”  
A sensualidade e a infidelidade no conto “A dama do loteamento”**

Monografia apresentada no curso de graduação da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha

Delmiro Gouveia  
2019

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S586e Silva, Rakel Carvalho da

“Ele não é o único! Há outros!” A sensualidade e a infidelidade no conto “A dana da lotação” / Rakel Carvalho da Silva. – 2019.  
53 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Marcos Alexandre Morais Cunha.  
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Personagens femininas. 4. Mulher. 5. A dama da lotação – Conto. 6. Rodrigues, Nelson, 1912-1980. I. Título.

CDU: 82-34

## FOLHA DE APROVAÇÃO

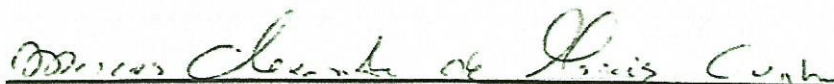
RAKEL CARVALHO DA SILVA

**“ELE NÃO FOI O ÚNICO! HÁ OUTROS!”**  
**A sensualidade e a infidelidade no conto “A dama do loteação” de Nelson Rodrigues**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de 2019.

### BANCA EXAMINADORA:



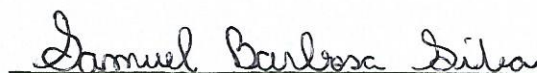
Prof. Dr. Marcos Alexandre Morais Cunha (Orientador)

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno)

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Prof. Mestre. Samuel Barbosa Silva (Examinador Externo)

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Dedico o presente trabalho ao meu filho e ao meu marido, por me apoiarem independente das dificuldades que tivemos que passar; aos meus pais, que também acompanharam a mesma trajetória e nunca me desampararam, pessoas por quem tenho um amor incondicional. A todos que me auxiliaram em tempos difíceis a conseguir este feito.

## AGRADECIMENTOS

De antemão quero agradecer a Deus por ter guiado meus passos, dando-me coragem e determinação para continuar minha caminhada acadêmica, a qual tive a oportunidade vivenciar experiências incríveis.

A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração e estímulo de várias pessoas. Gostaria de expressar toda a minha gratidão a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade.

Agradeço aos meus pais, Renato Carvalho da Silva e Maria do Socorro Santo Silva, por serem minha base, meu refúgio, minha essência. Agradeço também, a meu marido Paulino, por ser tão companheiro nas horas mais difíceis e ao meu filho Miguel, que é a razão da minha vida. Enfim, minha família que sempre fará parte de cada uma das minhas vitórias.

Ao Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha, meu orientador, pela confiança em mim depositada. Agradeço por ter acreditado no meu potencial. Um orientador querido por todos, por quem eu tenho uma grande admiração.

Aos demais docentes do curso de letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - *Campus Sertão*, pela participação ativa em todos os momentos da minha formação.

Aos meus amigos e colegas do curso de Letras: Pablo, Janaína, Michele, Rafaela, Camila, Jeferson e Herlanne por terem me apoiado durante minha trajetória acadêmica e também pelos momentos felizes que passamos juntos. Em especial, agradeço ao meu colega Eudes, pelo qual tenho muita estima e admiração, que me ajudou em alguns aspectos deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho analisa personagens femininas da literatura com ênfase em Solange, protagonista do conto “A dama do loteamento”, de Nelson Rodrigues, publicado originalmente entre 1951 e 1961, na coluna *A vida como ela é...*, do jornal *Última Hora*. Esta obra tornou-se ímpar por mostrar uma mulher perdida na volúpia do próprio ser. Ela não segue as convenções sociais e desafia todos os mecanismos estabelecidos por uma sociedade patriarcal ao envolver-se, sem pudor, com diversos homens diariamente. Nesse conto há um questionamento forte e sagaz acerca da hipocrisia existente nos no corpo social, levando o leitor a uma reflexão profunda sobre o que a sociedade espera da mulher e do matrimônio, rompendo os clichês e revelando uma história direta sobre família, sensualidade e traição. Para uma análise mais densa, outras personagens serão apresentadas em seus próprios contextos, sendo elas: Ana Karênina (da obra de mesmo nome do Liev Tolstói), Emma Bovary (da obra “Madame Bovary”, do Gustave Flaubert) e Lenita (da obra “A carne, do Júlio Ribeiro). E, antes disso, este trabalho apresenta um apanhado histórico sobre a mulher na literatura, evidenciando o seu papel e as respectivas modificações ao longo dos séculos, as quais ocorreram de forma gradativa, isso porque, como se verá, a mulher passou por inúmeras fases. Ela deixou de ser a protagonista do “pecado original”, cuja consequência foi à expulsão do homem do paraíso, e passou a ser sacralizada, adorada. Com o passar do tempo, no entanto, as personagens femininas foram ganhando mais humanidade, e se transformaram em mulheres fortes, capazes de tudo para alcançar a felicidade. Este trabalho conta com obras de ficção de autores como Rodrigues (1993), Tolstói (2001), Flaubert (2003) e Ribeiro (1999) e não-ficção como Foucault (1989), Sarmiento (2010) e Johnson (2011), os quais, entre outros, contribuíram profundamente para os assuntos aqui dissertados, tornando-os mais relevantes e densos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Personagens femininas. A dama do loteamento.

## ABSTRACT

This work analyzes female characters from literature with emphasis on Solange, protagonist of Nelson Rodrigues short story "A dama do loteamento," originally published between 1951 and 1961, in the column *A vida como ela é...*, from the newspaper *Última Hora*. This work has become unique in showing a woman lost in the voluptuousness of her being. She does not follow social conventions and defies all the mechanisms established by a patriarchal society by shamelessly engaging with various men daily. In this tale there is a strong and shrewd question about the hypocrisy that exists in the "good morals", leading the reader to a deep reflection on what society expects from women and marriage, breaking the clichés and revealing a direct story about family, sensuality and betrayal. For a more dense analysis, other characters will be presented in their own contexts, namely: Ana Karênina (from the work of the same name by Leo Tolstoy), Emma Bovary (from the work "Madame Bovary", by Gustave Flaubert) and Lenita (from the work "A carne", by Júlio Ribeiro). And, before that, this paper presents a historical overview of women in the literature, highlighting their role and their changes over the centuries, which occurred gradually, because, as will be seen, the woman went through numerous phases. She ceased to be the protagonist of the "original sin", the consequence of which was the expulsion of man from paradise, and was sacralized, worshiped. Over time, however, the female characters gained more humanity, and became strong women, capable of everything to achieve happiness. This work features works of fiction by authors such as Rodrigues (1993), Tolstoy (2001), Flaubert (2003) and Ribeiro (1999) and nonfiction such as Foucault (1989), Sarmiento (2010) and Johnson (2011), which, among others, contributed profoundly to the subjects discussed here, making them more relevant and dense.

**Key-words:** Literature. Female characters. A dama do loteamento.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. HISTÓRIA DAS PERSONAGENS FEMININAS .....</b>	<b>10</b>
2.1 A donzela .....	10
2.2 A mulher e o “amor” .....	13
2.3 A sacralização .....	17
2.4 O Patriarcado .....	20
<b>3. AS PERSONAGENS FEMININAS FORA DOS PADRÕES .....</b>	<b>23</b>
3.1 Ana Karênina .....	23
3.2 Madame Bovary .....	26
3.3 Lenita (A carne).....	30
<b>4. ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO “A DAMA DO LOTAÇÃO” .....</b>	<b>35</b>
4.1 A sensualidade.....	35
4.2 A (in)fidelidade .....	40
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIA .....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As mulheres são figuras essenciais na literatura. Elas eram consideradas pecadoras e passaram a ser vistas como santas, fontes de beleza e, sobretudo, de vida, pois são capazes de gerá-la. A mulher foi sacralizada e tida como um instrumento do divino na Terra. O seu papel era bem delimitado: ela devia ser esposa e mãe. Contudo, nem sempre este é um sonho ou um objetivo de uma mulher, e quando ela mudava o seu rumo, era taxada como transgressora.

Por muito tempo a literatura ocultou a voz da mulher, no trovadorismo, por exemplo, mesmo quando falava-se em seus sentimentos, era através de um homem, sob o seu ponto de vista masculino. Não obstante, algumas obras polemizaram e, concomitantemente, quebraram tabus, pois mostravam mulheres mais humanas, como pessoas que erram e acertam a procura da felicidade, cometendo ações que contrariavam — e ainda contrariam — os bons costumes.

Destarte, para aprofundar-se nesse assunto, este trabalho tem como objetivo geral compreender a personagem feminina do conto “A dama do lotação”, de Nelson Rodrigues, e, como objetivos específicos, perceber os principais aspectos das personagens femininas na literatura ao longo do tempo, discutir a importância das personagens femininas para a realidade social e analisar “A dama do lotação” sob o enfoque do tempo em que foi lançado até os dias atuais.

A justificativa se dá pela necessidade de se ter uma pesquisa sólida acerca do papel da mulher na literatura e as suas características mais marcantes, tendo em vista que estas respaldam-se na realidade fática de cada época mencionada — mesmo se permeadas por hipocrisia. Não se pode negar a importância da literatura e das personagens femininas fortes para as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo.

A problemática deste trabalho dá-se pela construção da personagem Solange — protagonista de “A dama do lotação —, a qual, aparentemente, é uma “mulher de família”, uma “mulher para casar”, contudo, ela quebra paradigmas e mostra-se uma mulher totalmente inversa, pois foge de todos os padrões esperados por uma sociedade firmada sobre as bases do patriarcado.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, utilizando-se de livros, revistas e artigos para a sua realização, e conta com obras de ficção de autores como

Rodrigues (1993), Tolstói (2001), Flaubert (2003) e Ribeiro (1999) e não-ficção como Foucault (1989), Sarmiento (2010) e Johnson (2011), os quais, entre outros, contribuíram profundamente para os assuntos aqui dissertados, tornando-os mais relevantes e densos.

Esta pesquisa foi guiada pelas seguintes perguntas: qual a contribuição do conto “A dama do loteamento” para a literatura? Como se dá a evolução das personagens femininas ao longo dos séculos? Qual a importância das mulheres-personagens na literatura e como isso se reflete na realidade? Esses questionamentos serviram como guias para a elaboração dos tópicos e criação do trabalho, delimitando alguns assuntos, visando atingir os objetivos mencionados.

Este trabalho é composto por uma introdução seguida por estes capítulos: “História das personagens femininas”, “As personagens femininas fora dos padrões” e “Análise da personagem feminina no conto ‘A dama do loteamento’”. O primeiro analisa a mulher na literatura desde o momento de sua *demonização*, quando cometeu o *pecado original*, até a sua sacralização, quando passou a ser vista como *Maria*.

O segundo aborda algumas personagens importantes da literatura, sendo elas Ana Karênina, Ema Bovary e Lenita. Mulheres fortes, que se deixaram levar pelas paixões e desejos, abrindo mão de suas famílias para alcançar seus objetivos, contrariando tudo o que se esperava das mulheres, e, portanto, causando uma grande revolução no olhar sobre as essas.

O terceiro faz uma análise sobre Solange, protagonista de “A dama do loteamento”, personagem feminina que tinha tudo para ser “do lar”, mas acaba escandalizando os leitores por sua traição. Neste capítulo faz-se um estudo aprofundado sobre características peculiares da personagem, como a sensualidade e a (in)fidelidade. Por fim, segue-se a conclusão e as referências utilizadas para compor esta pesquisa.

## 2. HISTÓRIA DAS PERSONAGENS FEMININAS

### 2.1 A donzela

A figura feminina ocupa um espaço primordial na literatura. Mesmo não possuindo “voz” no início, a mulher era objeto de admiração, desejo e discórdia. Ela era a donzela que, quase sempre, corria perigo e precisava ser salva. Aquela cuja beleza acelerava corações e fazia homens renderem-se aos seus sentimentos mais inquietos e perturbadores. A mulher, mesmo sem aventuras, era o centro das grandes lamentações e reviravoltas (COVAL, 2014).

O trovadorismo<sup>1</sup>, por exemplo, por vezes tinha como essência a exaltação ao ser feminino, elevando a mulher a um patamar de adoração e cortejo. Apesar disso, quase tudo era feito sob o ponto de vista masculino, o qual, anteriormente, subjugava a mulher como objeto, alguém inferior e “feita para agradar” (DUBY; PERROT, 1990). Foi a partir do século X que a ideia do feminino começou a mudar no tocante a sua colocação no mundo, no seio familiar e religioso. Se, *a priori*, a mulher era Eva — a errante pela qual o pecado foi levado ao homem, logo tornou-se Maria — doce, pura, imaculada e, sobretudo, santa.

A mulher, destarte, como se verá com mais detalhes posteriormente, foi elevada ao sagrado, um ser casto e capaz de regenerar a sua espécie e proteger os seus filhos. O ser feminino passou, e ainda passa, por diversas modificações sociais, as quais se refletem na literatura. De volta às canções trovadorescas, observando as cantigas de amigo<sup>2</sup>, vê-se o trovador tentando traduzir os sentimentos da mulher. A palavra *amigo*, nessa época, significava namorado ou amante (SARMENTO; TUFANO, 2010).

Falando diretamente com o homem ou conversando com a mãe ou alguma amiga, a mulher, na canção de amigo, “fala” sobre os seus problemas sentimentais, suas expectativas acerca do amor, ou até mesmo da saudade do seu amigo. Às vezes, para tanto, procura um ambiente solitário e desabafa com a natureza (SILVA,

---

<sup>1</sup> Durante os séculos XII, XIII e XIV, desenvolveu-se, na península Ibérica, um movimento poético conhecido como Trovadorismo, através do qual surgiram canções compostas para serem cantadas ao som de instrumentos musicais como a flauta, a viola, o alaúde, entre outros.

<sup>2</sup> As cantigas trovadorescas costumam ser divididas em gênero lírico (cantigas de amigo e cantigas de amor) e gênero satírico (cantigas de escárnio e cantigas de maldizer).

1967). Mesmo estando sob o ponto de vista feminino, a canção mostra, com alto encanto, a necessidade da mulher de encontrar ou estar com o seu amigo, o seu amado. A canção de D. Dinis (*apud* SARMENTO; TUFANO, 2010, p. 55) representa bem essa situação:

*Ai flores, ai flores do verde pinho,  
se sabedes novas do meu amigo?  
Ai Deus, e u é?*

*Ai flores, ai flores do verde ramo,  
se sabedes novas do meu amado?  
Ai Deus, e u é?*

*Se sabedes novas do meu amigo,  
aquele que mentiu do que pôs comigo?  
Ai Deus, e u é?*

*Se sabedes novas do meu amado,  
aquele que mentiu do que mi há jurado?  
Ai Deus, e u é?*

*Vós me perguntardes polo voss'amigo,  
e eu bem vos digo que é sã'e vivo.  
Ai Deus, e u é?*

*Vós me perguntardes polo voss'amado,  
e eu bem vos digo que é viv'e são.  
Ai Deus, e u é?*

*E eu bem vos digo que é sã'e vivo  
e seera vosc'ant'ó prazo saído.  
Ai Deus, e u é?*

*E eu bem vos digo que é viv' e são  
e seera vosc'ant'ó prazo passado  
Ai Deus, e u é?*

A canção supracitada, de elaboração formal e vasta amplitude, revela a necessidade da mulher, a donzela, de estar com o seu amigo. Donzela, aliás, de acordo com Rios (2009), significa mulher virgem e solteira. Ou, de forma mais antiga, dama de companhia; na história é um título de nobreza dado às filhas

solteiras de pessoas importantes; como adjetivo, pode-se entender uma donzela como uma mulher solteira, virgem, que, contextualizando, seria, como já mencionado, a mulher depende, a qual sofre por amor ou corre um risco iminente.

Atualmente homens também compõem canções colocando-se no lugar de mulheres, mantendo os temas mais recorrentes do trovadorismo como desilusões amorosas, saudade do namorado, tristeza e abandono. Isso pode ser observado na música “Olho nos olhos”<sup>3</sup>, do Chico Buarque de Hollanda, a qual diz, em seu último trecho:

*Quando talvez precisar de mim  
'Ce sabe a casa é sempre sua, venha sim  
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz  
Quero ver como suporta me ver tão feliz*

Nota-se, então, a recorrência de uma personagem mais sentimental, que nutre um amor por seu *amigo* e o quer por perto, ao seu lado. Como preleciona Coval (2014), vê-se, dentro do trovadorismo, o cancionista de amigo posicionar-se entre dois paradigmas: a mulher virgem e pura, detentora da virtude, e aquele que cede aos desejos da carne — porém, sem nunca perder a sua forma mais frágil e dócil a ser protegida.

As cantigas de amor expressam o amor do trovador pela dama, a donzela. Muitas vezes, a figura feminina exaltada nestas canções não eram solteiras, pelo contrário, eram casadas e em posição superior, aristocrática e distante. E o trovador coloca-se como um suplicante por atenção, não escondendo, mesmo por trás das sutilezas, os seus desejos mais eróticos (SILVA, 1967). Não obstante, vale lembrar que o erotismo mostra-se de maneira assaz velada, afinal, o idealismo cristão da época fazia com que a mulher se aproximasse da figura da Virgem Maria, afastando os aspectos sensuais das cantigas trovadorescas.

O amor retratado é o amor cortês, o qual respeita a imagem dócil e sacra da donzela. O trovador, aliás, mostra certa submissão e obediência à sua amada, demonstrando o desejo de estar sempre a serviço dessa, pronto para atendê-la e

---

<sup>3</sup> HOLLANDA, Chico Buarque de. Intérprete: Chico Buarque. *Meus caros amigos*. Rio de Janeiro. PolyGran, 1976. 1 CD. Faixa 3. Disponível em <<http://www.chicobuarque.com.br>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

fazer tudo o que seja necessário. O rei-trovador D. Dinis (*apud* SARMENTO; TUFANO, 2010, p. 57) evidencia o amor do trovador por sua senhora em suas canções, como pode-se observar neste trecho:

Quer'eu em maneira de provençal  
 fazer agora un cantar d'amor,  
 e querrei muit'i loar mia senhor<sup>4</sup>  
 a que prez nen fremusura non fal<sup>5</sup>

Nota-se, com o passar do tempo, a importância do discurso, este tem o poder de transformar e, acima de tudo, fazer refletir sobre questões socialmente importantes. A sociedade, diante do início da modernização das formas de trabalho e revoluções de caráter social, necessitava de uma mudança, porém, para tanto, às vezes, precisa-se de transformações profundas e dinâmicas, as quais, certamente, não foram — e ainda hoje não são — aceitas completamente (FOUCAULT, 1998).

O papel da mulher começa a mudar, o corpo da donzela deixa de ser um corpo dócil e de fácil dominação, passando a ser um corpo forte, questionador e sedento por poder e igualdade. A mulher sente necessidade de ser vista como ela é: um ser humano com fraquezas, virtudes, desejos, anseios, sentimentos e tudo aquilo que dá humanidade ao indivíduo. Com tantas transformações e mudanças, a mulher já não podia viver em um pedestal, isolada e alheia a realidade; as coisas, de fato, precisavam mudar (JESUS; SACRAMENTO, 2014).

## 2.2 A mulher e o “amor”

De acordo com Rios (2009), o amor é um sentimento afetivo, de afeição viva por alguém, um grande afeto, uma vontade enorme de proteger e estar perto. O amor possui diversas dimensões e está presente na história e, concomitantemente, na literatura. As mudanças que acontecem no mundo são regidas pelo amor, seja o

---

<sup>4</sup> A palavra *senhor* era usada tanto para homem quanto para a mulher.

<sup>5</sup> Transcrição dos versos em português moderno:

*Quero eu à maneira de um provençal  
 Fazer agora um cantar d'amor  
 E quererei muito louvar minha senhora,  
 A quem mérito nem formosura não faltam*

amor pela pátria, pelo poder, pela dominação, ou, simplesmente, por outra pessoa. Como a literatura evidencia há séculos, faz-se loucuras pelo amor.

O amor, na literatura, aparece intrínseco ao ser feminino, o qual, aparentemente, nasce predestinada a amar. Trata-se de um amor puro, imaculado, que assemelhasse bastante a seguinte passagem bíblica: “O amor é paciente, o amor é bondoso [...] O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:4-7, BÍBLIA, 2008). E era isso que as mulheres faziam — e fazem — na literatura em nome do amor: sofriam, acreditavam, esperavam e suportavam.

O amor, como já mencionado, percorreu toda a história em todos os seus momentos, contudo, a fim de delimitar mais o tema para analisar as características mais marcantes deste sentimento em relação às mulheres, far-se-á um afunilamento do assunto, focando no movimento artístico literário que ficou conhecido como Romantismo. Para isso, faz-se mister a compreensão do mundo na época em que surgiu este movimento.

A literatura romântica, segundo Sarmiento e Tufano (2010), foi marcada no período em que se desenvolveu a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Isso porque, a partir da segunda metade do século XVIII, começou a surgir na Inglaterra a sociedade industrial. Em pouco tempo o mundo estava produzindo de forma acelerada, como nunca antes visto. Tal fato levou o aparecimento de cidades industriais, fazendo surgir uma estrutura social dividida entre a burguesia industrial, a qual crescia econômica e politicamente, e o proletariado, cuja crescimento dava-se apenas em número.

A Revolução Francesa, para Hauser (2000), iniciada em 1789, levou a burguesia ao poder, e, juntamente com a Revolução Industrial, incentivou a livre-iniciativa, o individualismo econômico, o liberalismo político e o nacionalismo, e tudo isso influenciou na literatura da época. As ideias do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) também nortearam, de forma concisa, o Romantismo. Segundo este autor (*apud* HAUSER, 2000), o homem nasce bom, no entanto é corrompido pelo sistema social no qual é inserido. Dessa maneira, Rousseau pregava pelo retorno à condição humana primitiva, a qual ensejava a revalorização do amor, da amizade e da natureza.

Foi no final do século XVIII que desenvolveu-se na Europa uma grande sensibilidade artística, com grande subjetividade e individualismo, a qual ficou

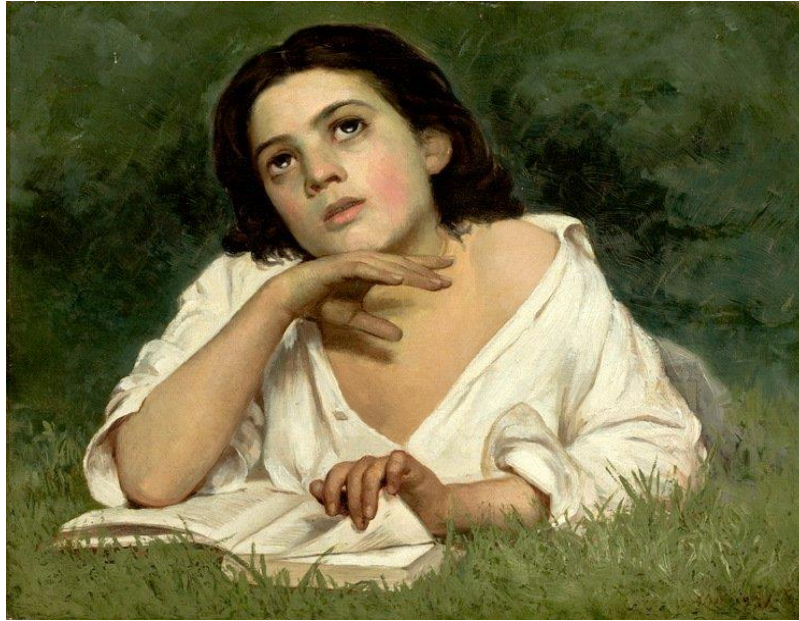


conhecida como Romantismo. Este movimento apresentou novos valores, e a partir desse momento os autores começaram a falar sobre amor, amizade e natureza de forma mais pessoal e, sobretudo, melancólica, como uma espécie de desabafo. Como características marcantes deste movimento, observa-se a expressão clara das emoções e paixões; a escolha por ambientes solitários e noturnos; e a natureza como manifestação do divino (SILVA, 1967). Vale ressaltar que o Romantismo foi de suma importância para a revitalização da literatura ocidental (SARMENTO; TUFANO, 2010).

A difusão da literatura romântica em prosa também merece destaque, afinal, esta se desenvolveu graças ao crescimento do jornal como meio de comunicação social, assim como o aumento da população alfabetizada e a consolidação da burguesia. Tudo isso compôs um grupo social novo, que passava a buscar na literatura situações que lhes representassem. Os leitores passaram a acompanhar os capítulos dos folhetins, vislumbrando as novas formas de se ver o social e, da mesma forma, a mulher. A qual era apaixonada, delicada e idealizada.

Contudo, algumas pessoas reprovavam essas novas perspectivas, pois afirmavam que os romances poderiam influenciar as mulheres de forma negativa, incitando reflexões e dando “asas à imaginação”, uma clara forma de repressão ao estímulo intelectual do sexo feminino (HAUSER, 200). A mulher, neste movimento, está mais do que idealizada, ela continua como aquela donzela doce e gentil, que, por vezes, sonha com o seu par. Ela sempre com a “cabeça nas nuvens”, imaginando a vida ao lado do seu amor. A mulher, assim, vira detentora de um amor sem medidas, único e absoluto.

Esse era um amor capaz de todas as coisas, e sem fim, o qual procurava uma “pureza” desmedida, que somente uma *boa mulher* poderia dar. A mulher, então, no imaginário popular, vivia com pensamentos voltados para o casamento e, sobretudo, para a sua família. E, dentro desta, cuidaria do lar e amaria infinitamente o seu marido e a sua prole, sobre todas e qualquer circunstâncias.



ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. *Moça com o livro*. Século XIX. Óleo sobre a tela, 50x60cm.

Nesta pintura do Almeida Júnior (1850-1899), o autor sugere a relação que pode existir entre ler, refletir e sonhar (SARMENTO; TUFANO, 2010). Nela, observa-se uma mulher com feições angelicais, quase deslocada do mundo. Há uma sensualidade sutil e um contato direto com a natureza. As formas inocentes relevam como a mulher era vista, uma espécie de anjo inocente, próxima a Virgem Maria e tudo o que ela representa.

A relação entre a mulher e o amor aparece de modo bastante claro na obra “A viuvinha”, do José de Alencar (s.d.). Nessa obra, Jorge apaixonou-se por Carolina, mas logo descobriu que perdeu toda a fortuna que herdou do pai. Para contornar a situação e não ter que abandonar a moça às vésperas do casamento, casou-se com ela e, logo depois, fez-se de morto. Com o tempo, a moça, sempre de luto, começou a ser chamada de “Viuvinha”.

Depois de alguns anos, e após resolver seus problemas, Jorge retorna e procura Carolina. Esta o aceita novamente, pois possui um amor devocional por Jorge, aceitando todo o ônus sofrido. E assim é visto o amor e a mulher: uma relação intrínseca e inseparável. A mulher na literatura, por vezes, recebe um tom determinista, como se tivesse nascido para amar, ter filhos e cuidar da família, independente de qualquer circunstância (DUBY, 1990).

Nota-se, destarte, a relação inseparável entre a mulher e o amor na literatura, capaz de fazê-la ser elevada a um patamar altíssimo perante o seu amado ou mudar completamente a vida deste em nome de um sentimento. Como reforçam Sarmento

e Tufano (2010), o amor que essas mulheres deram e sentiram mudou os rumos da história da literatura e, também, da civilização; seja o amor de mãe, de esposa, de amiga ou por si própria, a mulher tem amado e sido amada ao longo dos séculos, e isso reflete-se na “vida real” e na ficção.

### 2.3 A sacralização

No início a mulher era Eva, aquela que ouviu a serpente, desobedeceu as ordens celestiais e, da mesma forma, ofereceu o fruto ao seu marido, levando-o a pecar. O pecado, então, teria nascido através da desobediência de uma mulher, a qual, por pura curiosidade levou a humanidade à perdição. Se não fosse por Eva, repete parte do senso popular, as mulheres não sentiriam dor ou terem seus filhos — isso acontece graças ao *pecado original* (OLIVEIRA, 2009).

O pecado, segundo Santo Agostinho (*apud* OLIVEIRA, 2009), foi herdado pelo ser humano através da culpa herdada por Adão e Eva, pois estes sucumbiram à tentação do diabo e, seguindo o seu orgulho, ignoraram as ordens de Deus. O pecado original, assim, ganhou um caráter hereditário, e foi herdado por todos os seres humanos por meio dos séculos. Quando Eva e Adão pecaram, explica Santo Agostinho, toda humanidade pecou. E isso abriu as portas para o que hoje em dia se conhece como o mal, a ganância, a morte e todas as suas consequências.

Dentro do pecado existe um exemplo a não ser seguido, mostrando aos demais indivíduos como não agir para alcançar a vida eterna do paraíso que, outrora, foi morada de Adão e Eva (OLIVEIRA, 2009). Essa questão, dentro do Cristianismo, é muito complexa, e influencia a sociedade de modo geral. Muitos atribuem maior parte do pecado a Eva, a qual, como exemplo do sexo feminino, mostra como as mulheres podem ser frágeis e “cair” em conversas que destroem até mesmo a humanidade.

Seguindo o entendimento de Foucault (1989), quando ele se refere à microfísica do poder, vê-se, *a priori*, a tentativa de submissão do corpo feminino, atribuindo-lhe com exclusividade o que seria, talvez, o pior dos pecados: o original. Aquele que deu origem a todos os outros e criou as desgraças existentes entre a humanidade. Afinal, como lembra o autor, se não houver algo para se demonizar, não há instituições religiosas, assim como o próprio corpo social. A sociedade tem

necessidade de subjugar determinadas classes, e isso, por séculos, aconteceu — e continua acontecendo — contra as mulheres.

Outro momento histórico crucial para entender a mulher na história e no corpo social é a *caça às bruxas*. Gonçalves (2006) lembra que o castigo contra “feiticeiros maléficos” já acontecia em sociedades muito antigas, como na Egípcia e na Babilônica. O *Código de Hammurabi* (apud GONÇALVES, 2006, p. 12), de cerca do ano 1800 a.C., prescreve que:

Se um homem lançou um feitiço a outro homem e não se justificar, deve mergulhar no rio sagrado. Se ele se afogar, o acusador tomará posse de sua casa, mas se o rio declará-lo inocente, o acusador será morto e aquele que mergulhou deve tomar posse de sua casa.

Nota-se, assim, uma mistura do divino com as leis regulamentadoras da sociedade, e, claramente, uma preocupação em punir aqueles que cometiam a *feitiçaria*. A Bíblia, lembra Gonçalves (2006), também condena essa prática, exemplo disso está em Êxodos 22:18 (BÍBLIA, 2008), o qual prescreve: “a Feiticeira não deixarás viver”. A mulher, então, passa a vigiada com mais intensidade, pois poderia cometer atos de feitiçaria.

Historicamente, a caça às bruxas teve diversos momentos, porém, a fim de tornar este trabalho mais didático e exemplificativo, aqui se destacará o período da Idade Moderna (1500-1800), onde vislumbrava-se um mundo transformado pela reforma protestante e assolado por guerras religiosas e políticas, além de inúmeras tentativas da população de fugir da fome e das desgraças presentes em tempos tão sórdidos e sanguinários (DELUMEAU, 1989).

Neste período, leciona Delumeau (1989), o conceito de “bruxa” tornou-se mais abrangente, e englobava, entre outras, curandeiras e benzedoras, as quais eram ligadas à magia e ao uso de ervas. Milhares de pessoas inocentes foram torturadas e mortas. Inúmeras mulheres que buscavam apenas, através das plantas medicinais, melhorar a vida das pessoas, foram aniquiladas. E alguns desses resquícios preconceituosos ainda respingam nas sociedades contemporâneas. Para Gevehr e Souza (2014, p. 121):

A herança cultural da Igreja Católica, mesmo no século atual, ainda reproduz essa coletânea de ideias sobre a inferioridade da mulher e a sua subordinação ao homem. Continua sendo proibido o sacerdócio feminino, e, na área dos direitos sexuais e reprodutivos, os padres ainda se consideram

no direito de interferir no ato sexual, proibindo o uso de métodos anticoncepcionais, como o preservativo. Embora vivamos em outra época, que não mais a distante Idade Média, certas representações difundidas sobre as mulheres nessa época ainda respaldam determinadas práticas em relação às mulheres: a violência doméstica, a subordinação e sua difícil inserção em alguns segmentos da vida pública ainda são vestígios que nos fazem lembrar cotidianamente dos lugares do chamado segundo sexo.

Não obstante, em outros contextos históricos, a mulher deixou de ser Eva e passou a ser Maria, pura, sagrada, escolhida, capaz e gerar a vida. A mulher, destarte, passa a ser vista com devoção e adoração, pois trata-se de um ser intangível, de beleza rara e valor imensurável. Estar com essa mulher significa transferir-se para outra dimensão. A sua pureza releva a sua predestinação para amar o seu marido e a sua prole. Ao sexo feminino, então, é atribuído um caráter de Deusa, e de acordo com Ribeiro (2012, p. 31):

O arquétipo da Deusa é sempre projetado em uma bela mulher, amante, heroína, admirada por suas virtudes: a mãe bondosa, a princesa elegante e educada, a rainha obediente, a fada madrinha, de acordo com a forma que esse sujeito pode assumir no contexto da narrativa, da tragédia, do poema, da vida, etc., de modo que a personagem sempre encarnará um perfil emoldurado no campo da energia psíquica que este arquétipo inspira, informando tipos, atitudes e comportamento idealizados como modelo de perfeição humana.

Essa submissão da mulher acaba por subjugar-la, pois passa-se a esperar aspectos tipos como intrínsecos ao sexo feminino, tais como a bondade descabida, a elegância, a educação e, sobretudo, o comportamento esperado frente a sociedade e ao seu marido. O destino a mulher é tirado de suas mãos e, no lugar disso, dão-lhe um pedestal sobre o qual ela não pode sair ou questionar. Como usou-se a obra “A viuvinha” do José de Alencar (s.d.) para exemplificar o tópico anterior, pode-se pegar a mesma obra e ver como a protagonista ganha um tom sacro, de pureza exacerbada, compreensão e amor descabido.

Para Ribeiro (2012), a mulher sacralizada conquista o homem porque, envolta na matéria espiritual, as realidades — até as mais tenebrosas — são ocultas. O homem anseia um contato com Deus ou com os deuses, pois acredita na existência de um mundo sobrenatural governado por um ser supremo, que encontra-se acima das compreensões terrenas. Ele tem consciência de que existe uma substância inalcançável, um fenômeno inexplicável, que talvez possa ser tangível por meio do contato com o *sagrado feminino*.

## 2.4 O Patriarcado

A mulher, ao longo dos anos — e até mesmo na atualidade —, esteve sob a persistente cultura patriarcal, a qual gera uma dominação masculina sobre a mulher, produzindo, assim, a disparidade entre os sexos, preconceitos e, até mesmo, violência (ALAMBERT, 1986). O patriarcado, portanto, é um assunto denso e complexo, pois está presente no mundo inteiro e insere-se em camadas sociais, políticas, filosóficas, entre outras.

A busca pelos direitos das mulheres ocorre há muito tempo, e tem sido uma longa batalha cheia de perdas e vitórias. No mundo, ainda existem mulheres submetidas a casamentos arranjados, que não podem trabalhar, estudar, dirigir, ou, até mesmo, sair de casa sem a presença do marido ou outra figura masculina (DIAS, 2015). No Brasil, até pouco tempo, leciona Maria Berenice Dias (2015), a mulher era considerada relativamente capaz. E o direito ao divórcio também mostra-se como um advento recente da história brasileira.

O patriarcado constantemente produz a desvalorização da mulher, fazendo-a ser desrespeitada. Atitudes que sempre foram permitidas aos homens, por vezes, se cometidas por mulheres, causam grande espanto. A mulher, dentro dessa visão arcaica, é um objeto do homem. Elas são mais respeitadas quando estão com outros homens, são mais valorizadas quando estão dentro de um matrimônio, entre outras coisas. O patriarcado produz a ideia de submissão da mulher, jogando-a em caminhos que talvez nem as pertençam.

Trata-se, portanto, da manutenção de um poder histórico, a qual liga-se ao absolutismo, fazendo o patriarcado um mecanismo constante de dominação. Sylvia Walby (1990 *apud* MIGUEL; BIROLI, 2014), dissertou sobre o patriarcado e afirmou que esse mostra-se de duas maneiras, a primeira é na forma privada, na família, onde as mulheres são afastadas das questões públicas e guiadas diretamente pelos homens. A segunda é na forma pública, onde as mulheres, por vezes, alcançam o poder, mas permanecem subordinadas aos patriarcas.

De acordo com Miguel e Biroli (2014), entender o patriarcado é essencial para a compreensão da violência sofrida por mulheres ao longo dos séculos. Por muito tempo, o sexo feminino foi jogado à margem da sociedade e submetido às vontades dos homens. Houve mudanças significativas ao longo dos últimos anos, mas a sociedade ainda precisa evoluir bastante no tocante aos direitos femininos.

Alambert (1986, p 94) diz que:

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente e uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais. (ALAMBERT, 1986, p. 94)

Na atualidade, ainda vê-se homens e mulheres com o mesmo tempo de serviço e, injustamente, as tarefas domésticas voltadas apenas para a mulher. Além da educação dos filhos, ficando, assim, com uma dupla jornada. A mulher, portanto, acumula os serviços do trabalho, os domésticos e a educação das crianças. E ainda não são valorizadas e vítimas de discursos que as inferiorizam por sua condição de mulher. Faz-se mister ainda inúmeros esforços para melhorar as condições de vida do sexo feminino. Essa a educação um importante papel para essa mudança — que deve ser feita com urgência — no campo social.

O sistema patriarcal ainda está vigente no trabalho feminino, oprimindo mulheres com a dominação masculina e o machismo. Como nota Dias (2015), mulheres recebem, em médio, 30% a menos que os homens para desempenhar a mesma função. E isso piora se a mulher for pobre, negra, mãe solteira ou obesa, por exemplo. O patriarcado é uma violência de gênero que, além de outras coisas, estabelece injustiças sociais. A igualdade de gênero ainda é um sonho utópico para o Brasil e, talvez, até para o mundo.

Fazendo um retrocesso da história da civilização, as pesquisadoras feministas dos anos 60 revelaram que o controle da reprodução da força de trabalho da mulher, a manipulação de seu corpo a ponto de torná-la totalmente alienada diante dele, seu alijamento da produção social, intelectual e política, sua subordinação ao homem são permanentes. [...] O mesmo ocorre com a agressão, a violência, a dominação, a superexploração do trabalho da mulher e sua inferioridade cultural e jurídica (ALAMBERT, 1986, p. 94).

Colocar um ponto final no machismo é extrema urgência. A mulher não é um ser inferior, destinada a servir seja lá quem for. Ela é uma pessoa comum, com direitos, obrigações e, sobretudo, *liberdade*. A mulher não deve ser menosprezada ou diminuída em sua casa, no trabalho, no meio jurídico ou em qualquer outro lugar.

Pensamentos que submetem a mulher ao homem são retrógrados, pré-históricos e obsoletos. Por isso as mulheres não devem se calar diante das injustiças, pelo contrário. Tudo que torne a mulher inferior deve ser denunciado e banido.

Os tais “valores da família” devem ser aplicados de forma particular, para quem quiser. Não de forma a impor determinada conduta seja lá a quem for e, com isso, manter um discurso machista fundado em uma violência velada e silenciosa, a qual, através dos tempos, mata mulheres da alma até o corpo. O machismo deve ser combatido com veemência, a fim de barrar toda a violência de gênero existente na sociedade. É inadmissível que a mulher ainda seja vista como um ser inferior.

De fato, os preconceitos contra as mulheres vêm de longe; e circulam nos mais diversos níveis de ideologia dominante. Estão confortavelmente instalados nos provérbios populares, na moral tradicional, em antigos costumes, na letra dos sambas (das músicas); mas também passeiam com desenvoltura pelas obras dos filósofos e dos grandes escritores (KONDER, 2009 *apud* MIGUEL; BIROLI, 2014, p 09)

O machismo está impregnado em toda a sociedade, o que leva a uma violência generalizada e cruel, a qual retira da mulher a dignidade da pessoa humana, pois a objetiva e a leva a parecer o “sexo frágil”, quando, de frágil, as mulheres nada possuem. Isso porque, como visto, muitas enfrentam jornadas duplas ou triplas de trabalho, além de outras questões diárias como preconceito, machismo e o patriarcado de forma geral.



### 3. AS PERSONAGENS FEMININAS FORA DOS PADRÕES

#### 3.1 Ana Karênina

A obra “Ana Karênina”, ou “Anna Karenina”, dependendo da tradução, do escritor russo Liev Tolstói, aqui analisada a partir da edição de 2011 da editora Cosac Naify, foi publicada originalmente entre os anos de 1875 e 1877, em forma de folhetim para um jornal. Esse livro, aliás, começou a ser publicado antes mesmo de ser finalizado, devido ao grande sucesso de seus textos, pois, na época, ele já era famoso devido a publicação do também clássico “Guerra e Paz”.

Como o tradutor da obra, Rubens Figueiredo, afirma no prefácio do livro, Ana Karênina, inicialmente, receberia o título de Dois casamentos ou Dois casais: o adultério e o legítimo, pois, apesar de ter recebido o nome final de Ana Karênina, esta obra conta com outros protagonistas, e acompanha de perto a história de duas famílias, mostrando o antagonismo e paralelismos de cada uma, isso porque são opostas. No livro, vê-se campo e cidade, felicidade e tristeza, fidelidade e adultério, entre outros dualismos da vida real que transfiguram-se nos textos desse russo.

A frase inicial, aliás, retrata bem a dualidade apresentada na obra: “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” (TOLSTÓI, 2011, p. 08). Tal afirmativa é, praticamente, uma síntese do livro, isso porque reflete bem o que esperar do texto escrito por Tolstói. Como leciona Johnson (2013), a obra é narrada como se o autor quisesse mostrar uma lição subentendida, evidenciando o verdadeiro casamento e as consequências da infidelidade, situação da protagonista Ana, centro de uma traição.

Ana Karênina, na obra aqui analisada, é uma aristocrata casada que, em determinado momento, envolve-se em um caso extraconjugal com o conde Vrónski e experimentando as novas sensações de um amor profundo e, acima de tudo, proibido. A estória inicia-se com a chegada de Anna à casa de Stepan, seu irmão, o qual está passando por conflitos com Dolly, sua mulher, e Ana tem como intenção intervir no caso. No desenrolar da história, vê-se o caso de Ana refletir-se em diversas pessoas de seu círculo social, especialmente, como era de esperar, em Aleksei Aleksándrovich, marido da protagonista, este, em determinados pontos, é visto como um homem distante,

frio e resistente, demonstrando, em determinadas ocasiões, fragilidade, doçura e, até mesmo, compaixão.

Vrónski, por sua vez, é assaz ambíguo. Ele torna-se amante de Ana e mantém uma paixão avassaladora por esta, ao mesmo tempo em que envergonha-se da situação na qual se encontra. Afinal, se infidelidade e divórcio continuam sendo um tabu na contemporaneidade, antes era muito mais. Ainda mais se pensando no conservador Império Russo. Dessa maneira, embora ame a protagonista, Vrónski sente-se mal por não poder estar em sociedade. É um personagem mostrado através de duas égides: uma da libertinagem, e outra da melancolia, da razão.

Ana Karênina é bastante julgada pelo seu caso extraconjugal, e começa a sofrer as consequências de tal fato, como a separação do filho, o olhar das pessoas e os conflitos que começam a surgir dentro de si mesma, pois a escolha não foi fácil, e suscitou uma série de dissabores, e talvez o amor de Vrónski não valesse tudo isso. Além disso, um ciúme doentio começa a aflorar dentro de Ana, e, como um castigo divino, ela começa a pensar que será trocada por uma mulher mais jovem, da mesma forma que aconteceu com ela, culminando, por fim, em seu triste e terrível desfecho.

Como ensina Costa (2016, p. 108):

Grandes obras-primas da literatura mundial delineiam sempre cuidadosamente a fisionomia intelectual das personagens. Esta figuração pressupõe uma caracterização ampla, profunda e universal das personagens. A composição da obra de arte pressupõe uma hierarquia: protagonistas e coadjuvantes (postos da personagem). O protagonista é aquele consciente do próprio destino e capaz de generalizá-lo, ocupa um posto central no enredo.

E Ana preenche esse requisito. Ela mostra-se uma mulher forte, determinada e capaz de enfrentar inúmeras consequências para alcançar aquilo que deseja. Mostrando, também, uma nova forma de construção da personagem feminina, cujas características passam de sacras a humanas, deixando de ser simplesmente fonte do desejo e assumindo os rumos de sua vida e seu destino. A mulher na literatura passou a ser dona de si — e Ana, apesar de tudo, mostra bem essa nova conceituação. Ana não tem um caminho que necessita seguir, ela caminha de acordo com os seus interesses.

As coisas que a literatura pode procurar e ensinar são pouco numerosas mas insubstituíveis: a maneira de ver o próximo e si mesmo, de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, de encontrar as proporções da vida, e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, a maneira de pensar e de não pensar nela, e outras coisas necessárias e difíceis, como a rudeza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor. (COMPAGNON, 2009, p. 45)

E se antes apenas o homem demonstrava sentimentos e envolvia-se em aventuras, isso mudou, e a mulher também transformou-se numa “arma” da literatura, fazendo a história caminhar e ganhar outros rumos, revelando as suas vontades, ânsias, medo, inseguranças, entre outras coisas intrínsecas ao ser humano. Esses ensinamentos da literatura, de acordo com Compagnon (2009), mudam as formas de se enxergar o mundo. A literatura, aliás, muito contribui para alterações na sociedade, ora refletindo nesta, ora sendo refletida. Durante os séculos, a literatura tem transformado o modo de pensar e agir das pessoas.



Imagem da adaptação feita em 2012 de Ana Karênina, na qual vê-se Ana (Keira Knightley) a frente de Vrónski (Aaron Johnson). Este filme foi gravado no Reino Unido com direção de Joe Wright e adaptação Tom Stoppard.

Pode-se pensar, então, na sociedade do Império Russo lendo os fascículos de Tolstói, acompanhando a vida de Ana, uma mulher como qualquer outra, mas que desafiava os costumes e a submissão imposta ao

corpo feminino, mostrando os seus desejos e as suas vontades. Uma mulher capaz de abandonar a própria família para viver o que queria de fato: uma paixão avassaladora, fora dos padrões, sem regras e cheia de desejos. Certamente, como pontua Costa (2016), não foi uma obra de fácil compreensão para o corpo social, mas que, aos poucos, iria transformar este juntamente com muitos outros livros.

Compagnon (2009, p. 26) afirma que “a verdade é que as obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica”, ou seja, as obras focam nos sentimentos e desejos, antes apenas dos homens, e agora das mulheres, explorando o mais profundo de seus íntimos. Compagnon (2009) completa dizendo que:

Exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos. Tal foi por muito tempo a justificativa da leitura ordinária e a premissa da erudição literária. A ciência as desqualificou? É o que parece. (COMPAGNON, 2009, p. 26)

A literatura tem e sempre terá muito para oferecer ao homem. É fonte de um conhecimento sem fim, a qual leva o indivíduo a pensar e repensar sobre a sua própria existência, situando-o no universo e mudando as conversões existentes. Muitas mudanças contemporâneas devem muito à literatura. O pensamento sobre a liberdade da mulher nasce de obras como a Ana Karênina.

### **3.2 Madame Bovary**

A obra “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, publicada originalmente em 1857, após ter sido apresentada como folhetim em uma revista — e aqui analisada a partir da edição publicada pela editora Nova Cultural, em 2003 —, gerou grande polêmica para a época. Tanto que Flaubert, juntamente com o dono da revista e o dono da gráfica que a imprimia, foi levado aos tribunais por, supostamente, desrespeitar a moral e a religião naquela época (LLOSA, 2015).

Neste momento ele usou sua famosa frase: “*Emma Bovary c’est moi*” (Emma Bovary sou eu), para defender-se das acusações levantadas contra si. Como destaca Llosa (2015), a Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena absolveu Flaubert, no entanto, isso não foi bem visto pelos *puritanos* da época, isso porque não era fácil perdoar uma mulher — ainda que personagem — desmedida, que passava por cima de tudo e de todos para alcançar os seus objetivos ou, simplesmente, escapar do tédio.

Flaubert (2003) foi ácido ao tratar temas como adultério, burguesia, clero e suicídio, fazendo sua obra perpassar por gerações e se tornar de grande relevância para a literatura mundial. Misturando romantismo com realismo, o autor apresenta uma personagem mimada, mesquinha e imprudente, capaz de levantar questionamentos considerados tabus até mesmo para a contemporaneidade. Que, assim como Ana Karênina, fez a mulher e as suas vontades serem vistas de maneira diferente, sob uma nova égide; humana, em vez de sacra.

A obra de Flaubert (2003) inicia-se com a apresentação de Charles Bovary, fruto de um casamento conturbado que, após terminar a escola, foi estudar medicina. Distante do lar, Charles passou a gostar das noites boêmias, sendo reprovado no exame para oficial de saúde, passando depois de um tempo. A sua mãe, então, resolveu arranjar-lhe um casamento. Assim, Charles casa-se com uma viúva mais velha que ele.

Ao ir visitar um paciente, Charles conhece Emma, uma garota doce e meiga, apaixonada por romances, por quem encanta-se. A esposa de Charles acaba falecendo e, depois de um tempo, Charles casa-se com Emma. Estes passam a viver juntos. Ele é um marido dedicado, satisfeito e feliz. Emma, no início, também viu-se amando e, sobretudo, vivendo tudo aquilo que via em suas inúmeras leituras românticas. Não obstante, mesmo sendo uma garota do campo, Emma tinha grandes expectativas e sonhos burgueses. A vida simples e rural já não a interessava, assim como o seu próprio marido, o qual não detinha nenhum tipo de ambição, vivendo apenas um dia após o outro.

O tédio começa a tomar conta de Emma, e, em certo dia, ela e o seu marido são convidados para um baile, na volta, após ter dançado com um visconde, ela passa a fantasiá-lo. O casal muda-se para atender uma vontade e Emma, e esta descobre uma gravidez. A filha de Emma nasce e se chama Bert. Mesmo com a mudança, Emma continua se sentindo entediada, percebendo que nem a

maternidade trouxe-lhe a felicidade tão recorrente nos livros apaixonados. Ela, na verdade, sente-se estranha e triste, esperava um menino, e veio-lhe uma menina.

O nascimento da filha de Emma pode ser trazido, como bem salienta Llosa (2015), para a realidade do mundo moderno, afinal, à mulher resta dar a luz e cuidar da família, afinal, no entendimento popular, ela nasceu para isso. Contudo, a maternidade, nem sempre, é fonte de realização da mulher; e esta mostra-se apenas como um ideário popular de que a mulher tem que casar, ter filhos e cuidar da casa para sentir-se realizada. Porém, como evidencia a história de Emma, nem sempre uma mulher realiza-se com a maternidade. Às vezes essa é apenas uma ideia imposta a ela.



Mia Wasikowska interpretando Emma Bovary na adaptação estadunidense de 2014 da obra de Gustave Flaubert. A direção dessa obra foi realizada por Sophie Barthes.

Em determinado dia, o jovem e conquistador Rodolphe Boulanger tem a oportunidade de conhecer Emma. Ele a seduz, e Emma sente que finalmente viverá algo emocionante e, enfim, acabar com a monotonia que a cerca. A partir desse momento, começa a gastar muito em nome do marido, comprando objetos para si e inúmeros presentes para o amante. Emma acaba convencendo Rodolphe a fugir com ela, todavia, este foge sozinho, pois não queria se envolver de maneira

profunda, gerando, então, um grande mal-estar em Emma, deixando-a doente com meses, enquanto Charles vê-se inundado por dívidas.

Emma, com o passar com tempo, reencontra Leon, um rapaz conhecido por ela logo no momento em que chegou a cidade, passando a conversar com este frequentemente e, mais uma vez, envolvendo-se em um caso extraconjugal. No entanto, Emma continua sentindo-se vazia. A sua relação com Leon passa a se tornar tão morna quanto a sua relação com Charles. E ela decepciona-se mais uma vez. E, em um ponto crucial da história, começa a ver as contas e nota que tudo está fora de seu controle, entrando em um estado de profundo desespero, pois deve esconder as contas do marido.

Sob a ameaça de bloqueio de bens, passa a tentar resolver os problemas das dívidas. Sem êxito e desesperada, Emma vai até um boticário, rouba um frasco de veneno e o toma, morrendo envenenada. Ao fim, o seu marido descobre as cartas dos amantes de Emma, mesmo assim continua amando-a e se perguntando como será o futuro de sua filha. Fazendo uma comparação com Ana Karênina, do Tolstói (2011), Emma mostra-se muito mais individualista, pois ela não se preocupava com a filha, como se a tivesse rejeitado desde o primeiro momento. Da mesma forma, Ana Karênina também foi mais feliz com o seu caso extraconjugal, pois apesar de tudo, o seu amante gostava dela de verdade, e isso não parece ser verdadeiro na história de Emma Bovary.

Em carta à amiga madame Roger des Genettes, Flaubert explicou uma circunstância evidente para quem escreve romances, porém mais difícil de ser compreendida pelos outros: na escolha do tema, é decisiva a intervenção do fator irracional, esse domínio em que a vontade e a consciência não mandam, e sim obedecem, e a partir do qual certas experiências-chave aí armazenadas e muitas vezes esquecidas agem secretamente sobre as ações, pensamentos e sonhos humanos, como sua raiz remota, como sua explicação profunda. (LLOSA, 2015, p. 70)

É como se algo precisasse ser dito sobre alguém. Como se a personagem insistisse em nascer e representar algo, ou alguma circunstância. Nesse caso, pode-se dizer que Emma Bovary retrata uma mulher dona de si, que já não é mais perfeita, muito pelo contrário. Uma mulher que sai do romantismo e invade o realismo, mostrando como as coisas são de fato. Que nem sempre a mulher quer ser mãe ou torna-se feliz no casamento. Flaubert (2003) criou uma personagem de

alma livre e, ao mesmo tempo, aprisionada por si mesma dentro das próprias expectativas e desejos. De acordo com Llosa (2015, p. 70):

Isso significa que o romancista não cria a partir do nada, mas em função de sua experiência, que o ponto de partida da realidade fictícia é sempre a realidade real, tal como a vive o escritor. Certos temas se impõem a ele, assim como o amor e o sofrimento, os desejos e os pesadelos. Isso não quer dizer, naturalmente, que a ‘inspiração’ baixe sobre ele como um eflúvio celeste, mas apenas que tem um passado e um presente, uma soma de experiências, algumas das quais lhe servem como material de trabalho. Certos assuntos tocam fibras profundas do seu ser, excitam sua sensibilidade, provocam nele a vontade de criar, e outros, ao contrário, o deixam indiferente.

Isso mostra-se mais real quando sabe-se que Flaubert escreveu *Madame Bovary* inspirado em um caso real de suicídio cometido pela mulher de um oficial após um adultério na Normandia, França. Vê-se que a arte, neste caso, baseou-se na vida real. Nos acontecimentos cotidianos que, por tempos, mantiveram-se “embaixo do tapete”. Não se pode negar a coragem inexorável de um autor que, ainda no século XIX, resolve mexer nas feridas sociais e morais.

### **3.3 Lenita (A carne)**

“A carne”, obra do escritor brasileiro Júlio Ribeiro, publicada originalmente em 1888, e aqui analisada a partir da edição da Martin Claret de 1999, causou grande escândalo na época de seu lançamento, pois aborda de maneira crua temas como divórcio, amor livre, sexo, sensualidade e, sobretudo, o novo papel da mulher na sociedade; que, como dito em tópicos anteriores, era ignorado pela literatura.

Quando lançado, muitos jovens foram proibidos de entrar em contato com a obra, obtendo-a, por vezes, de maneira escondida. Logo o romance do naturalista tornou-se um sucesso, isso porque provocava as esferas sociais ao tratar de assuntos polêmicos como o desejo sexual, indo muito além, pois a obra de Ribeiro (1999) também trata sobre perversões, nudez e sexo (MASIERO, 2012). Desde a época de lançamento, *A carne* desperta questões sobre a independência da mulher, chamando a atenção dos leitores e da crítica pelo seu tom *cru*, cético e escancarado de se mostrar as hipocrisias entranhadas na sociedade.



A carne conta a história de Lenita (Helena), uma jovem que foi criada por seu pai após a morte de sua mãe, a qual se deu logo após o seu nascimento. O pai de Lenita ofertou-lhe uma educação acima da média, fazendo de Lenita uma mulher inteligente e esperta. O pai de Lenita falece quando ela completa os seus 22 anos, deixando-a em um profundo abalo sentimental, chegando a ameaçar a sua saúde física. Para libertar-se de toda dor e “espairecer”, ela resolve ir morar no interior do estado de São Paulo, na fazenda de um amigo da família, que criou o seu pai, o Coronel Barbosa.

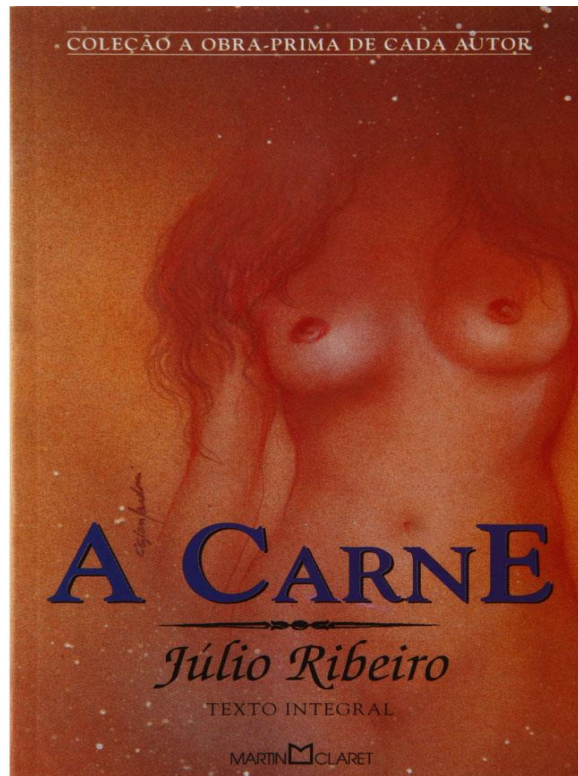
Na fazenda, Lenita conhece o engenheiro Manuel Barbosa, filho do Coronel. Manuel é um homem mais maduro, leitor voraz, estudioso e viajado. Morou dez anos na Europa, onde casou-se com uma francesa, sobre a qual obteve o divórcio há pouco tempo. Ele e Lenita iniciam uma amizade que, aos poucos, vai se transformando em uma grande paixão; ao passo que, se antes eles se rejeitavam, agora passam a sentir os grandes prazeres da carne. Nesse meio tempo, o autor choca o público ao mostrar Lenita observando escravos apanhando e sentindo prazer com isso. Assim como também sente-se satisfeita ao quebrar a asa de um pássaro para vê-lo desconsertado enquanto tenta voar.

As cenas de sexo descritas não são tão sutis quanto às dos livros anteriores. Júlio Ribeiro (1999) resolveu chocar o público e, com ideais *darwinistas*, mostrar como o ser humano é apenas humano e *vítima* de suas próprias vontades e natureza. E, assim como os livros anteriores, este também possui um desfecho trágico, pois, ao descobrir cartas que Manuel guardou de outras mulheres, Lenita sente-se traída e, mesmo grávida de três meses, resolve ir embora. Ela casa-se com outro homem. Inconformado com a situação, Manuel suicida-se, revelando a linha tênue existente entre os desejos da carne e os desejos da mente.

Diferentemente do que acontece em *Ana Karênina* e *Madame Bovary*, o final trágico de *A carne* recai sobre o homem, isso porque, mesmo demonstrando sentir falta de Manuel, Lenita segue a sua vida ao lado de outro homem. Ela é muito inteligente e decidida, não abatendo-se mesmo diante de novas circunstâncias. Lenita simplesmente decide reconstruir a sua vida, de maneira livre e independente, mostrando como as mulheres podem seguir as suas vidas mesmo diante das inúmeras repressões sociais. Masiero (2012), contudo, lembra o quanto as decisões e forma de viver de Lenita enfureceram parte da sociedade na época. Principalmente aqueles que defendiam a *moral* e os *bons costumes*.

Um dos principais ataques à obra de Ribeiro (1999) partiu de José Joaquim de Sena Freitas, mais conhecido como padre Sena Freitas. Ele viveu entre 1840 e 1913, e era um rosto notável do catolicismo, mostrando, então, enorme aversão sobre *A carne*. Em tom irônico, após ler a obra de Júlio Ribeiro, Sena escreveu no Diário Mercantil um artigo com o título de *A carniça*, onde recriminou o apelo sexual presente na obra de Ribeiro. Segundo Sena Freitas (*apud* ANASTÁCIO, 2008, p. 19), “o enredo era frouxo, inverossímil, incoerente, e de chofre, advogava ideias como o amor livre e bissexual”. Da mesma forma, de acordo com Anastácio (2008), o padre também rebateu o gosto literário de Ribeiro, afirmando que não adiantava revestir a luxúria e o pecado em outras expressões, mesmo que estéticas.

Por fim, salienta Anastácio (2008), o padre disse que a forma e a estética não são tudo e não podem se salvar quando possuem bases detestáveis. Uma clara reprovação às questões sexuais tão explícitas na obra de Júlio Ribeiro. Entre outras críticas da época, *A carne* foi tida como “inimiga da alma”, “pornográfica”, “carne crua”, “carne podre” e “superficial”, por se tratar de uma obra naturalista, a qual busca o cientificismo (ANASTÁCIO, 2008). Além da perversão e do sexo, *A carne* também scandalizou por falar sobre divórcio e liberdade feminina, ainda mais em uma sociedade tão patriarcal quanto a do Brasil do século XIX.



Capa de *A carne*, na edição da Martin Claret (1999).

Logo no início da obra de Ribeiro vê-se a sensualidade marcando o corpo e a vida da mulher:

Depôs a espingarda e junto dela o chapéu de palha, de abas largas, que a protegia nesses passeios, começou a despir-se. Tirou o paletozinho, o corpete espartilhado, depois a saia preta, as anáguas. Em camisa, baixou a cabeça, levou as mãos à nuca para prender as tranças e, enquanto o fazia, remirava complacente, no cabeção alvo, os seios erguidos, duros, cetinados, betados aqui e ali de uma veiazinha azul. E aspirava com delícias, por entre os perfumes da mata, o odor de si própria o cheiro bom de mulher moça que se exalava do busto. Sentou-se, cruzou as pernas, desatou os cordões dos borzeguins Clark, tirou as meias, afagou corrente, demoradamente, os pezinhos os breves em que se estampara tecido fino do fio de Escócia. Ergueu-se, saltou das anáguas, retorceu-se um pouco, deixou cair a camisa. A cambraia achatou-se em dobras moles, envolvendo-lhe os pés. (RIBEIRO, 1999, p. 14)

Nota-se a enorme sensualidade contida logo nas primeiras páginas de *A carne*, a mulher, nessa trama, já não é uma santa, um ser intangível. Pelo contrário, a mulher é fonte do mais profundo desejo carnal, ela é palpável e acessível. Vê-se também outro fato incomum, Lenita está sozinha, o que não era muito comum naquela época, e carrega uma espingarda para a sua própria proteção. A cena continua sensual, da seguinte forma:

Era uma formosa mulher. Moreno-clara, alta, muito bem lançada, tinha braços e pernas roliças, musculosas, punhos e tornozelos finos, mãos e pés aristocraticamente perfeitos, terminados por unhas róseas, muito polidas. Por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em uns quadris amplos, para arredondar-se de leve em um ventre firme, ensombrado inferiormente por velo escuro abundantíssimo. Os cabelos pretos com reflexões azulados caíam em franjinhas curtas sobre a testa indo frisar-se lascivamente na nuca. O pescoço era proporcionado, forte, a cabeça pequena, os olhos negros vivos, o nariz direito, os lábios rubros, os dentes alvíssimos, na face esquerda tinha um sinalzinho de nascença, uma pintinha muito escura, muito redonda. Lenita contemplava-se com amor-próprio satisfeito, embevecida, louca de sua carne. Olhou-se, olhou para o lago, olhou para a selva, como reunindo tudo para formar um quadro, uma síntese. Acocorou-se faceiramente, assentou a nádega direita sobre o joelho esquerdo erguido, lembrando, reproduzindo a posição conhecida da estátua de Salon, da Venus Accroupie. (RIBEIRO, 1999, p. 14-15)

Observa-se a sensualidade durante toda a cena, assim como um apontamento sobre arte. Durante a obra de Ribeiro (1999), aliás, vê-se muitas questões e análises científicas sobre plantas e solos, decorrente do pensamento científico que marca a prosa naturalista do século XIX, colocando o homem como uma verdadeira causa da ciência e dos processos empíricos.

Sobre a carta de despedida de Lenita para Manuel, Masiero (2012) faz a seguinte observação:

Em nenhum momento da carta final Lenita mostra ressentimento ou arrependimento, parecendo acreditar realmente que a solução que encontrou foi a mais sensata. Não há qualquer vestígio em sua fala ou atitudes de que repetirá a mesma infelicidade com o marido. Como uma reação diante das condições que se apresentavam naquele momento, a razão se sobrepôs ao desejo da carne. As cenas das caçadas, o desenvolvimento tecnológico com a construção de ferrovias e novas técnicas de produção já apontavam o domínio do homem sobre a natureza selvagem. Aqui se fala agora do domínio do desejo que emana do corpo. (MASIERO, 2012, p. 06)

Lenita, destarte, faz-se uma personagem feminina completamente fora dos padrões. Ela não entra em crise nem em profundo sofrimento por conta do fim de seu romance. A personagem mostra-se totalmente racional, dona de si. Ela controla os seus sentimentos, a sua carne, o seu destino e a sua vida. Lenita, assim como Ana Karênina, Emma Bovary e outras grandes personagens da literatura, é uma mulher livre, que abre portas para muitas outras e mostra o verdadeiro lugar da mulher, que é onde ela queria estar.

## 4. ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA NO CONTO “A DAMA DO LOTAÇÃO”

### 4.1 A sensualidade

O conto “A dama do lotação” é um conto do escritor brasileiro Nelson Rodrigues, publicado na coluna diária *A vida como ela é* (1951-1961), no jornal Última Hora. Nelson Rodrigues, aliás, foi escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e do futebol brasileiro. Sendo, dessa forma, considerado o dramaturgo mais influente do Brasil. Além disso, nota-se esse autor como um grande questionar da *natureza humana*, e pode-se observar em seus textos questões polêmicas como sexo e infidelidade (CANDIDO, 2008).

Sobre o início da participação de Nelson Rodrigues no jornal, conta Samuel Wainer, proprietário do jornal:

Num domingo, recebi a notícia de que um casal que viajava em lua-de-mel morrera na queda de um avião. Achei que aquela história poderia render uma excelente reportagem. Chamei Nelson Rodrigues, meu redator de esportes, e perguntei-lhe se aceitava escrever uma coluna diária baseada em fatos policiais. Nelson recusou. Resolvi enganá-lo, e contei que André Gide já fizera isso na imprensa francesa. Defendi também a tese de que, no fundo, Crime e Castigo, de Dostoievski, era uma grande reportagem policial. [...] Nelson afinal cedeu. Sentou-se à máquina e, pouco depois, entregou-me o texto sobre o casal que morrera no desastre de avião. Era uma obra-prima, mas notei que alguns detalhes – nomes, situações – haviam sido modificados. Chamei Nelson e pedi que fizesse as correções. - Não, a realidade não é essa – respondeu-me. – A vida como ela é é outra coisa. Eu me rendi ao argumento e imediatamente mudei o título da seção. Deveria chamar-se “Atire a primeira pedra”, mas ficou com o título de “A vida como ela é”, que considero um dos melhores momentos do jornalismo brasileiro. (WAINER, 1987, p. 152)

Em sua coluna diária, Nelson Rodrigues utilizou o Rio de Janeiro como cenário, e, com uma linguagem breve e direta, com personagens bem delineados, permeou no imaginário humano, escrevendo mais de dois mil textos sobre o mesmo assunto: a traição (RODRIGUES, 2010).

A Vida Como Ela É..., coluna diária escrita por Nelson Rodrigues, para o jornal carioca Última Hora, na década de 1950, popularizou o autor, mas não o livrou do estigma de imoral. As narrativas foram estruturadas inicialmente como crônicas, mas ficcionalmente devem ser consideradas contos porque, ao desenvolver o tema traição (favorito em Nelson Rodrigues), apresentam ação dramática, personagens bem elaboradas, tempo e espaço delimitados. (CAMOCARDI, 2005, p. 130)

“A dama do loteação” passa-se no Rio de Janeiro dos anos de 1960, onde habita Solange e Carlinhos, uma família carioca de classe média. Eles estão casados há dois anos. Ela é uma moça do lar, não trabalha e possui empregada — o que revela uma situação financeira favorável. Carlinhos, aliás, é filho de um militar prestes a se aposentar; e na família de Solange existem médicos, advogados e até mesmo Ministro de Estado. É uma família típica, cheia de moral e, sobretudo, “bons costumes”.

No entanto, nasce em Carlinhos uma desconfiança sobre a sua esposa Solange. O marido procura o pai, logo no início do texto, para contar de tais suspeitos. Contudo, o militar indigna-se, e defende a moça de todas as maneiras. E isso, talvez, seja uma prova de que o pai de Carlinhos já estivera com Solange — mas não é provado no conto. O narrador volta no tempo para contar sobre o início da desconfiança. Esta começou após o casal receber Assunção em sua casa, um amigo muito íntimo. Um guardanapo cai no chão, e quando Carlinhos abaixa-se para pegá-lo, vê os pés de Solange sobre os do amigo.

Carlinhos, aparentemente, não quer acreditar no fato, porém o investiga. Outro dia, ao encontrar Assunção, este diz ter visto Solange no dia anterior. E, ao chegar a casa e perguntar se a esposa tinha visto o amigo nos últimos tempos, ela nega, confirmando as suspeitas do marido. Com uma arma de fogo, Carlinhos pressiona Solange ao admitir a verdade e, após dizer que vai matar Assunção, a mulher revela não ser esse o seu único amante.

Ela conta que todas as tardes toma uma loteação e escolhe um homem. Ele pode ser feio, bonito, alto, baixo, não importa; ela sai com ele. Solange já traiu Carlinhos com “metade do Rio de Janeiro”. E o marido, atônito com a situação, “morre em vida”, coloca-se como “defunto” e é velado vivo pela esposa, a qual torna-se “viúva de marido vivo”, mas nem por isso para de ir às loteações para os seus encontros vespertinos.

Rodrigues (1993), ao inserir a traição como a base de seus contos, trabalha, mesmo que de maneira inconsciente com as questões estritamente relacionadas ao homem, pois sai do particular para o coletivo, sendo essa uma “fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana.” (CORTÁZAR, 1974, p. 155). O autor, então, traça questões psicológicas do ser humano, e também faz, mesmo sem querer, uma análise do

comportamento dos homens sobre questões relacionadas à sensualidade e à (in)fidelidade.

No conto *A dama do lotação*, nota-se uma trama e uma narrativa bem construída, isso porque prende o leitor e o faz “perder contacto com a desbotada realidade que o rodeia, arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora” (CORTÁZAR, 1974, p.231). O leitor é capturado pelo texto e perde-se em seu imaginário, voltando à realidade após o seu fim. Rodrigues (1993) dividiu este conto em cinco partes — o texto inicia-se com uma parte depois divide-se em: A suspeita, A certeza, A dama do lotação, O defunto —, remetendo o leitor à estrutura dos folhetins.



Maitê Proença como Solange, protagonista de *A dama do lotação*, para o quadro *A vida como ela é*, do Fantástico (Rede Globo), em 1996.

Todo o conto de Rodrigues (1993) está permeado por uma sensualidade ímpar e característica das suas obras. Segundo Moravia (2016), a sensualidade — ou erotismo — presente na literatura moderna não se parece com a sensualidade da literatura pagã<sup>6</sup> nem com a sensualidade das literaturas posteriores. Isso porque a sensualidade da literatura pagã detém inocência, brutalidade e densidade de uma

<sup>6</sup> O termo “literatura pagã”, de acordo com Moravia (2016), surgiu com a obra “Carta aos Jovens sobre a Literatura Pagã”, escrita por São Basílio, no século IV, com o intuito de instruir àqueles que começam os estudos para a utilidade da leitura dos livros profanos, ou seja, dos clássicos da literatura grega, os quais sofriam com críticas ferrenhas devido aos seus elementos que destoavam da doutrina cristã. São Basílio, então, ensina como tirar proveito dos excelentes preceitos morais e os inúmeros exemplos de virtude presentes nesses livros, relacionando-os à doutrina dos Evangelhos.

natureza que o sentido cristão do pecado ainda não percebeu e direcionou contra si mesmo; por outro lado, a sensualidade da literatura moderna não relaciona-se com as experiências cristãs.

Em outras palavras, a sensualidade da literatura moderna tem origem no processo de liberação das proibições e dos tabus existentes. A liberdade da sociedade moderna mostra-se como uma conquista profunda, a qual eleva o ser humano a seguir os seus próprios desejos e, dessa forma, encontra respaldo até mesmo no proibido. Este se torna um meio de prazer. A sensualidade e o erotismo deixam de ser obra do “mal” e passam a ser obra do homem.

Bataille (2004 *apud* VERGINELLI, 2008, p. 03) defende que:

O erotismo é uma experiência unicamente humana, pois animais e humanos fazem a atividade sexual de reprodução, porém apenas os humanos fizeram da atividade sexual, uma atividade erótica. Neste momento, o autor destaca duas noções fundamentais para o entendimento desta obra: a continuidade, a descontinuidade dos seres e a tensão que existe entre elas. Segundo o autor, somos seres descontínuos, pois, entre cada ser, há um abismo que o separa do outro. Nascemos sós e morremos também sós. Mesmo que os eventos que nos afetam interessem a outros, estamos essencialmente isolados.

Dessa forma, o erotismo está no ato humano. Contudo, ele sempre foi reprimido, principalmente em relação às mulheres, isso porque, como viu-se no capítulo anterior por meio da literatura, espera-se que a mulher seja uma *santa*, alguém que vive exclusivamente para o marido e os filhos, no entanto, a sensualidade e o erotismo fazem parte do universo feminino, e compõem a sua feminilidade. Solange, *a dama do lotação*, é um grande exemplo disso. É uma mulher que choca por fugir completamente daquilo que se espera de uma mulher, ainda mais quando esta é casada.

No meio do jantar, acontece uma pequena fatalidade: cai o guardanapo de Carlinhos. Este curva-se para apanhá-lo e, então, vê, debaixo da mesa, apenas isto: os pés de Solange por cima dos de Assunção ou vice-versa. (RODRIGUES, 1993, p. 46)

Como observa-se, Solange possui uma sensualidade “delicada” e até mesmo “inocente”, a qual se materializa ao longo do texto mesmo em meio ao conservadorismo que era ainda maior na época em que se passa a história. É uma sensualidade velada, que vai se materializando com as perfeitas colocações de



palavras de Nelson Rodrigues. Este expõe a leveza e o delírio ao mesmo tempo, fazendo o leitor imaginar além de suas próprias palavras.

Solange representa a força da sexualidade humana, e a sexualidade, para Foucault (1989, p. 240), “é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar”. Como viu-se nas obras de Tolstói (2011), Flaubert (2003) e Ribeiro (1999), o desejo é fonte de repressão — e libertação —, e está, o tempo todo, sendo controlado por diversos agentes sociais e seus poderes. Expressar sua sexualidade, sensualidade e erotismo ainda é um sinônimo de tabu. Mas, além disso, é uma forma de repressão e poder, principalmente imposta dos homens sobre as mulheres.

A sensualidade e as suas expressões são de grande observância e repressão da própria sociedade. Pessoas — principalmente mulheres — que transgridem o sistema logo são taxadas com os piores nomes possíveis. É importante para os indivíduos e institutos dominantes e detentores de poder, como dispões Foucault (1989), o controle dos corpos. Um corpo livre — estendido a sua mente e espírito — representa grandes perigosos, pois, certamente, diversas normas serão contrariadas.

Ela explicou ainda que, todos os dias, quase com hora marcada, precisava escapar de casa, embarcar no primeiro lotação. O marido a olhava, pasmo de a ver linda, intacta, imaculada. Como e possível que certos sentimentos e atos não exalem mau cheiro? Solange agarrou-se a ele, balbuciava: ‘Não sou culpada! Não tenho culpa!’. E, de fato, havia, no mais íntimo de sua alma, uma inocência infinita. Dir-se-ia que era outra que se entregava e não ela mesma. Súbito, o marido passa-lhe a mão pelos quadris:  
— Sem calça! Deu agora para andar sem calça, sua égua! (RODRIGUES, 1993, p. 49)

O próprio marido, como mostra o texto, vê Solange como uma mulher imaculada. A inocência de Solange releva determinada sensualidade, evidenciando atos impensados e uma força maior dos desejos carnis. Da mesma forma, o marido repara que a esposa está sem *calça*, isto é, pronta para ir ao lotação encontrar mais um amante. Sua sensualidade reservada, então, mostra-se de forma mais clara, demonstrando suas verdadeiras intenções.

Como leciona Foucault (1989), onde há poder, há resistência, e é isso que mulheres como Ana Karênina, Emma Bovary, Lenita e Solange fizeram: resistiram ao que se esperava delas e foram além, desafiaram a sociedade e todos os seus mecanismos de poder. Transgrediram as questões morais, sociais e religiosas.

Levaram as suas vidas da maneira que quiseram, mesmo tendo consciência dos possíveis problemas aguardados no futuro.

Os sentimentos de volúpia, tão presente na história de Solange, para Nietzsche (2006), misturam-se até mesmo com os sentimentos de crueldade:

Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial (...) Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial (NIETZSCHE, 2006, p.31).

Não é a toa que muitos relacionam a paixão com o sofrimento. E, ao optar por seguir esse sentimento avassalador, o ser humano submete-se a uma possível frustração e desamparo. Foi o que aconteceu com Ana, Ema e Lenita. Elas possuíam uma grande paixão: os seus amantes. No entanto, Solange não nutre uma paixão especial por um homem em específico. Ela tem para si inúmeros desconhecidos que encontra na lotação. Não é um, mas vários amantes, assunto aprofundado no próximo tópico.

## 4.2 A (in)fidelidade

A literatura aponta conceitos variantes quando se trata de infidelidade, contudo, todos são iguais no tocante à violação do contrato conjugal. A traição está envolta por um envolvimento sexual ou emocional com outra pessoa, a qual não é o parceiro ou parceira *oficial*, e este não consente de tais atos e, por vezes, sequer os conhece (GOLDENBERG, 2006). Trata-se da “quebra da confiança e rompimento do acordo conjugal sobre a exclusividade sexual no relacionamento monogâmico” (ZAMPIERI, 2004, p. 155), isto é, ocorre o rompimento de um contrato implícito ou explícito de confiança e fidelidade entre os parceiros.

Há, também, para Ahrndt (2005 *apud* GOLDBENBERG, 2006), a diferenciação da infidelidade em dois eixos: a sexual, a qual se consuma através do contato sexual expresso pelo beijo ou qualquer tipo de relações sexuais, e a infidelidade emocional, cuja existência nasce através de uma conexão iniciada por um flerte, é uma

aproximação mais íntima, uma troca de confidências e evolui para uma paixão por aquele ou aquela amante. A infidelidade de Solange se parece com a sexual, pois, aparentemente, não existem relações emocionais entre elas e seus amantes. Ela se envolve apenas de maneira sexual.

Solange torna-se um paradoxo de mulher. Ela é e não é “para casar”. Ela é e não é uma “moça de família”. Ela é a personificação da infidelidade, dos instintos, da sexualidade e, sobretudo, da quebra de padrões. A questão da infidelidade muda a vida de Carlinhos radicalmente.

Carlinhos ergueu-se; foi até a janela espiar o jardim pelo vidro. Depois voltou e, sentando-se de novo, larga a bomba:

— Meu pai, desconfio de minha mulher.

Pânico do velho:

— De Solange? Mas você está maluco? Que cretinice é essa?

O filho riu, amargo:

— Antes fosse, meu pai, antes fosse cretinice. Mas o diabo é que andei sabendo de umas coisas... E ela não é a mesma, mudou muito.

(RODRIGUES, 1993, p. 45)

Quando ele cita a palavra “desconfio” remete todo assunto à traição, uma questão mais que escandalosa para a sociedade carioca da década de 1960, ainda mais partindo de uma mulher. E, diante da traição, rompem-se os acordos conjugais, específicos de cada casal, atingindo situações atreladas à cultura. É um comportamento tido como atípico para grande parte da sociedade (PITTMAN, 1994). Em seu conto, Rodrigues (1993, p. 47) prepara o leitor para os fatos supervenientes ao falar que Carlinhos “já sofria antes mesmo de criar a suspeita, de formulá-la”.

E todavia... Nesta mesma noite, do aguaceiro, coincidiu de ir jantar com o casal um amigo de infância de ambos, o Assunção. Era desses amigos que entram pela cozinha, que invadem os quartos, numa intimidade absoluta (RODRIGUES, 1993, p. 46).

O fato supracitado acontece antes de Carlinhos ir visitar o pai, expondo como Assunção, um dos amantes, era um “grande amigo”, dispondo de grande intimidade na casa dos protagonistas. Nesse cenário, vê-se a traição partindo de um amigo íntimo, o que, na visão de Pittman (1994), piora toda a situação. Pois trata-se de uma dupla traição, partindo da companheira e do amigo. Pior ainda seria se, de fato, se provasse a possível traição de Solange com o sogro.

Um mês depois do casamento, todas as tardes, saía de casa, apanhava o primeiro lotação que passasse. Sentava-se num banco, ao lado de um cavalheiro. Podia ser velho, moço, feio ou bonito; e uma vez – foi até interessante – coincidiu que seu companheiro fosse um mecânico, de macacão azul, que saltaria pouco adiante. O marido, prostrado na cadeira, a cabeça entre as mãos, fez a pergunta pânica:

- Um mecânico?

Solange, na sua maneira objetiva e casta, confirmou:

- Sim. (RODRIGUES, 1993, p. 49)

Nota-se que Solange não fazia restrições a nenhum tipo de homem, incluindo um mecânico, fato causador de estranheza no marido traído. A partir desse momento Carlinhos *morre em vida*, “- Morri para o mundo.” (RODRIGUES, 1993, p. 50), afirma ele, passando a se tratar como um *defunto* de verdade.

Depois do que ela própria fazia nos lotações, nada mais a espantava. Passou a noite fazendo quarto. No dia seguinte, a mesma cena. E só saiu, à tarde, para sua escapada delirante, de lotação. Regressou horas depois. Retomou o rosário, sentou-se e continuou o velório do marido vivo (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Solange aceita a “morte” de Carlinhos, pois, depois de toda a sua vivência, nem isso a espantava. Ela passa a velar a marido em vida, no entanto, não para de seguir a sua vida *pecadora* e errante. Continuando, dessa forma, a sair com homens encontrados nas lotações. Assumindo um papel fatal numa sociedade que tanto preza pelos “bons costumes”. Contudo, de acordo com Goldenberg (2006), é mais fácil encontrar pessoas infiéis do que fieis.

A infidelidade, apesar de um assunto controverso, é muito comum em toda rede social. Não obstante, é considerada um problema até mesmo para os *traidores*. Mesmo sendo infiéis, homens e mulheres, segundo os estudos de Goldenberg (2006), buscam a fidelidade dos seus parceiros. Nesse ponto, nota-se uma hipocrisia traçada em toda a sociedade, ainda mais quando se pensa na infidelidade não apenas de “corpo”, mas também de “alma”, afinal, quando a infidelidade se concretiza? Para alguns, no ato carnal, para outros, no desvio do pensar (GOLDENBERG, 2006).

Leal (2005), com base em uma pesquisa feita em 2005 na cidade de Salvador-BA, buscou informações sobre a (in)fidelidade sob a égide de cinco psicoterapeutas de casal com mais de quinze anos de experiência clínica. Em seus resultados, verificou com a infidelidade começa — principalmente — em um vazio emocional sentido dentro da relação oficial. A traição, então, seria uma forma de

fugir da “mesmice”, do estresse sentido no dia-a-dia. Já a manutenção da fidelidade, segundo Leal (2005), dependeria de uma relação mais flexível, sem grande dependência emocional (a qual cria insegurança). Quando os parceiros sentem-se satisfeitos com alguma área do relacionamento, podendo ser sexual, afetiva, ou pessoal, certamente não irá aventurar-se fora do casamento (LEAL, 2005).

E todas as personagens aqui citadas — Ana, Ema, Lenita e Solange — apresentavam algum tipo de vazio, ou carência. E, mais do que isso, passaram a retratar uma sociedade mais real e menos fictícia, pois a mulher é apenas um ser humano, portanto comete erros e acertos como qualquer um. Todas essas personagens deixaram de ser “Evas” e passaram a ser humanas; verdadeiros frutos da natureza humana, produções inexoráveis dos meios sociais e antropológicos nos quais estão inseridas. Solange, apesar de tudo, representa uma “alma livre”, desprendida da sociedade e, até mesmo, de si própria.

Solange é sensual, erótica, infiel e livre. É uma mistura de tudo aquilo que tentam repreender principalmente em relação às mulheres. Independentemente de opiniões favoráveis ou não, personagens como Solange despertam questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade. Isso porque, talvez ela simplesmente não fosse “para casar”, ou não estava em um momento propício para isso. O que é uma ideia totalmente antiquada, porque “ser para casar” é apenas uma construção social obsoleta, a qual não deve mais encaixar dos padrões sociais vigentes. E talvez o vazio de Solange estivesse além do sexual ou romântico, estando respaldado em outra forma de viver e se enxergar na sociedade. A infidelidade, ensina Goldenberg (2006), pode ser um grito de socorro profundo.

Como afirma Marucci (2017, p. 108)

O conto “A dama do loteação”, de Nelson Rodrigues, pode trazer a riqueza do debate e temas importantes para reflexão. Basta um orientador de leitura e uma história atraente para sermos levados a discutir nosso lugar na sociedade, nossa política e as verdades com as quais convivemos e nas quais acreditamos enquanto indivíduos/cidadãos interpelados como sujeitos pelas ideologias, através da língua.

O debate fortalece o Estado Democrático de Direito e revela necessidades contemporâneas, por isso é importante questionar a todo tempo o papel de cada indivíduo na sociedade e se de fato é aquilo que ele ou ela busca. As ações de cada indivíduo não podem ser impostas. Mas, às vezes, isso acontece, e nada mais pode

ser esperado além de uma revolta. O papel de Solange, para agradar os conservadores, devia ter sido o de “dona do lar”, e futuramente “mãe”, sem desejos e apenas uma vontade assídua de servir ao marido e aos possíveis filhos. Papel, aliás, equivocado, pois salienta-se: a mulher pode e deve ser aquilo que ela quiser, sem necessidade de agradar terceiros ou viver um padrão de vida imposto.

No entanto, talvez inconscientemente, houve uma mudança de paradigmas na cabeça da personagem, levando-a para o oposto de todo o esperado. Não é a toa que mulheres como ela são constantemente chamadas de loucas. Não por serem simples “traidoras”, mas, sobretudo, por segurarem os seus destinos com as suas próprias mãos.



Sônia Braga como Solange na adaptação do conto de Nelson Rodrigues para o cinema em 1978, com direção de Neville d'Almeida.

“A dama do lotação” foi adaptado para o cinema em 1978, e, para tanto, sofreu grandes acréscimos, pois o conto tem apenas sete páginas, enquanto o filme possui 111 minutos. Na época de seu lançamento, como aponta Rodrigues (2010), ele fez muito sucesso, isso porque era uma adaptação da obra do Nelson Rodrigues

e tinha a Sônia Braga, atriz em alta, interpretando a protagonista. De acordo com Rosa (2007, *apud* RODRIGUES, 2010, p. 05):

O filme deve dar ao espectador a impressão de estar folheando as páginas do livro, acompanhando os personagens, suas ações e suas aventuras, mas tudo isso deve ser realizado de uma maneira autônoma, através de um ponto de vista totalmente diferente: o olho da câmera. O diretor deve recriar um mundo que ele encontra já realizado, no qual já existem personagens e eventos, enredo, o estilo do autor e dos personagens. O papel do cineasta é, portanto, o de recriar aquele mundo utilizando seu código expressivo, as imagens, para que ele possa chegar a uma obra original.

Nelson Rodrigues ajudou na construção do roteiro do filme, e, mesmo com inúmeras novidades, o filme retratou muito bem o *espírito* do conto, chegando a ser considerado uma pornochanchada, gênero do cinema brasileiro altamente difundido na década de 1970, que marcava as telas com a grande liberdade sexual do conteúdo e abordagens de assuntos como virgindade, conquista amorosa e adultério (NAPOLITANO, 2003). Assim como no conto, “A dama do loteação” das telonas questionou a moralidade e a hipocrisia da sociedade acerca de suas relações, mantendo-se como uma obra importantíssima na contemporaneidade.

## 5. CONCLUSÃO

A literatura é uma grande fonte de descobertas e mudanças sociais, por meio dela o ser humano transporta-se para séculos, países e lugares distantes sem sair do lugar. No início, contudo, a mulher não tinha voz dentro ou fora dos livros. *A priori*, ela era fonte de desejo, de pecado. Depois passou a ser sacralizada, a personificação de Maria, mãe de Jesus. Nos enredos das grandes histórias, as mulheres continuavam figurantes.

Não obstante, com o passar do tempo, a mulher foi ganhando voz e destaque. A literatura acompanha as questões atuais do mundo, e as modificações sociais implicavam em uma nova forma de organizar a população. A mulher foi ganhando características mais humanas, mesmo assim, estava voltada para a satisfação do homem e da família, como um objeto ou um ser predestinado, cujas escolhas já haviam sido feitas por terceiros.

A literatura, entretanto, desafia as normas sociais e mostra *a vida como ela é*. Nesse momento, acontecem transgressões nas maneiras de comunicação e as mulheres surgem em histórias cada vez mais sensuais e ousadas, protagonizando cenas de sexo, adultério e intensa liberdade. Como observou-se neste trabalho, personagens como Ana Karênina, Emma Bovary e Lenita mudaram drasticamente os rumos da literatura, mostrando mulheres fortes e frágeis ao mesmo tempo, capazes de abrir mão de tudo e de todos para seguirem as suas vontades.

No mesmo sentido vê-se Solange, *a dama do loteação*, uma mulher que mistura inocência e malícia em seu ser. Uma personagem construída para representar os desejos e as hipocrisias de uma sociedade repressora, que usa a sexualidade como forma de manutenção de poder, mas é questionada por uma personagem forte e destemida, criada por Nelson Rodrigues, um escritor polêmico, cuja fixação manteve-se além do esperado e focou-se em uma das maiores controvérsias de todos os tempos: a traição.

É inegável a contribuição dessas personagens para a sociedade, pois, mesmo que polêmicas, elas levam os leitores a reflexões profundas sobre diversas maneiras de existir e ver o mundo. “A dama do loteação”, até hoje, continua chamando atenção do público por evidenciar a sua “transgressão” sensual, trágica e, sobretudo, honesta com si mesma.



Ao elaborar este trabalho observei que a vida é composta por grandes desafios, seja no âmbito profissional e/ou pessoal. Fazer escolhas, tomar decisões, não é tarefa fácil. Aquilo que uma pessoa se torna ao decorrer da vida depende essencialmente de duas coisas: das oportunidades e das escolhas ela faz.

Pessoalmente falando, a escolha do tema deste trabalho foi bastante inusitada, pois ela aconteceu de maneira despreziosa em uma “conversa de corredor” com meu colega de curso Eudes. Falávamos de literatura e cinema, e ele me indicou a leitura dos contos do Nelson Rodrigues. No mesmo dia enviou-me o livro de contos intitulado *A vida como ela é...* onde estavam descritas histórias surpreendentes. Estava, então, diante do meu objeto de estudo, pois ao ler aqueles textos senti prazer em apropriar-me daquelas histórias.

Acredito que essa foi a oportunidade que eu precisava para desenvolver este trabalho, uma vez que somos frutos das oportunidades que tivemos ao longo da vida e das escolhas que determinam nossa trajetória. Essa foi uma escolha fácil e, ao mesmo tempo, difícil, afinal, falar sobre o papel da mulher é uma tarefa complexa e densa. Isso porque, apesar de serem maioria e estarem em todos os lugares, as mulheres, por vezes, ainda são julgadas e vistas como objetos.

O desenvolvimento deste trabalho me permitiu uma nova visão de mundo. Ana, Ema, Lenita e Solange, entre outras *erráticas*, mostram como as mulheres são apenas humanas, sujeitas a riscos, felicidades e tristezas. Falar sobre mulheres tão fortes é quebrar paradigmas, isso porque, apesar de elas estarem certas ou erradas, elas são apenas pessoas que abandonam tudo aquilo que lhe foi imposto.

Muito provavelmente, se todas as histórias contadas fossem protagonizadas por homens, a polêmica não seria a mesma. Isso porque ao homem ainda é atribuído o título de “tudo pode”. Coisas que para eles são “normais”, por vezes, para mulheres, são absurdas. Assim, vê-se que este trabalho alcançou todos os seus objetivos, fazendo uma profunda análise sobre o papel feminino na literatura. E espera-se que tenham mais estudos para a continuidade deste tema tão importante para a sociedade.

Não se deve ignorar a grande relevância dessas mulheres da literatura para a realidade social, sem elas, talvez, as questões sociais não teriam avançado tanto — e mesmo que ainda se falte muito para um tratamento igualitário entre homens e mulheres de fato, essas estão chegando cada vez mais longe.

## REFERÊNCIA

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

ALENCAR, José de. **A viuvinha e Cinco minutos**. Introdução e notas: Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

ANASTÁCIO, Vanda. **Antologia**: Padre José Joaquim de Sena Freitas. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. **1 Coríntios 13:4-7**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

CAMOCARDI, Elêusis Mirian; NERY, Silvana Maria de Souza. Nelson Rodrigues: do conto ao filme A vida como ela é...: o conto Diabólica e suas adaptações para as mídias televisivas e cinematográficas. In: \_\_\_\_\_. **Narrativas ficcionais**: da literatura às mídias audiovisuais. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para Quê?** Tradução de Laura T. Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSTA, Luana Signorelli Faria da. **O problema da arte e do realismo em Anna Kariênina, de Tolstói**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

COVAL, Olga. **Por detrás do palco**: a figura feminina nas cantigas de amigo. Revista Escrita: Rio de Janeiro, 2014.

D'ALMEIDA, Neville. **A dama do loteação**. Tipo: drama erótico. Brasil, 1978, duração de 111min.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300- 1800, uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias.** 12. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres: a Idade Média,** Porto: Afrontamento, 1990.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 4. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GEVHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a igreja na idade média: misoginia, demonização e caça às bruxas. v. 4. **Revista Acadêmica Licencia&Acturas:** São Paulo, 2014.

GOLDENBERG, M. **Infiel:** notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HAUSER, Arnold, **História social da arte e da literatura.** São Paulo: Martins Editora, 2000.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A construção discursiva do corpo feminino na representação literária de donzela-guerreira. **Revista Letras Raras:** Santa Cruz, 2014.

JOHNSON, Celia Blue. **Conversando com Mrs. Dalloway:** a inspiração por trás dos grandes livros de todos os tempos. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. **A orgia perpétua:** Flaubert e Madame Bovary. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MARUCCI, Fábila. **A dama do loteação**: narração, história e cidadania. v. 22. Rio de Janeiro: Rev. Augustus, 2017.

MASIERO, André Luís. **A histeria em A Carne, de Julio Ribeiro**. PUC: Poços de Caldas, 2012.

MIGUEL, L. F; BIROLI, F. **Feminismo e política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAVIA, Alberto. Sobre o erotismo na literatura. Tradução de Rafaela Afonso. Curitiba: **Revista Cultura da Cidade**, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. **Pesquisa literária em foco**: tendências, possibilidades e impasses. Editora UniRitter: Porto Alegre, 2009.

PITTMAN, F. **Mentiras Privadas**: a infidelidade e a traição da intimidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RIBEIRO, Júlio. **A Carne**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

RIBEIRO, Maria Goretti. O sagrado feminino na literatura. v. 16. **Revista Ipotesi**: Juiz de Fora, 2012.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **Nelson Rodrigues**: O melhor do Romance, Contos e Crônicas. São Paulo: Editora Schwarcz, 1993.

RODRIGUES, Tchiago Inague. **A dama do loteação**: a intertextualidade entre o fílmico e o literário. *In*: Anais do X SEL – Seminário de Estudos Literários, 2010. Disponível em: <[http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais\\_2010/tchiagoingaue.pdf](http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/tchiagoingaue.pdf)>. Acesso em 20 jul. 2019.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção de texto.** São Paulo: Moderna, 2010.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura.** Coimbra: Livraria Almedina, 1967.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VERGINELLI, Daniel Galantin. **Considerações sobre "o erotismo", de Georges Bataille: um pensador do paradoxo e da transgressão.** Curitiba: UFPR, 2008.

WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver: Memórias de um repórter.** 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ZAMPIERI, A. M. F. **Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade: sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS.** São Paulo: Ágora, 2004.